



A MÍSTICA: UM SABER PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO CAMPO DO ESTÁGIO EM ASSENTAMENTOS

ANDRÉA FREIRE DE CARVALHOⁱ

CAMILA BOMFIM DE GOISⁱⁱ

MARIA JOSÉ NASCIMENTO SOARESⁱⁱⁱ

2. Educação, Sociedade e Práticas Educativas

Resumo:

Este artigo é resultado da pesquisa a mística enquanto dimensão na formação dos alunos do curso de licenciatura de "Pedagogia da Terra" no Estado de Sergipe e tem como objetivo analisar a dimensão em que a mística foi utilizada pelos alunos-estagiários no referido curso enquanto prática pedagógica diferenciadora e transformadora do processo pedagógico aplicado em sala de aula. Como ponto de partida a metodologia utilizada foi a fenomenologia descritiva e hermenêutica, por meio da leitura de quarenta e seis relatórios escritos pelos alunos em período de estágio, dentre os quais três relataram utilizar a mística enquanto prática pedagógica. Estes foram selecionados e analisados à luz dos referenciais teóricos que ancoraram este estudo. Concluímos que, esta se apresenta como um elemento diferenciador da prática pedagógica utilizada em sala de aula, devido ao seu potencial sócio-político integrador e participativo, onde tanto o aluno quanto o professor se unem para alcançar seus objetivos.

Palavras – chaves: Mística; prática pedagógica; formação.

Abstract:

This article is based on the results of the research called the mystic while dimension in the formation of students of the course "Pedagogia da Terra" in the State of Sergipe and aims to analyze the extent to which the mystic was used by these trainees-students of this course while an element of differentiating and transforming practice process applied in the classroom. The methodology used in the beginning of the research was the descriptive and hermeneutics phenomenology but, to write this article, an amount of forty-six reports written by students in the probationary period were read, and then, three of these reports

used the mystique while practice teaching. These were selected and analyzed. We conclude that it presents itself as a distinguishing element of teaching practice used in the classroom, because of its potential as a socio-political integrators and participatory, where as the students as the teacher get together in order to achieve their goals.

Key-words: Mystic; pedagogical practice; formation.

“a relação dos docentes com o saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2010, p36)”.

Esse artigo tem sua gênese na análise de relatórios de estágios escritos pelos alunos – estagiários do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, também conhecido como “Pedagogia da Terra”, participantes do Programa Nacional de Educação em Reforma Agrária (PRONERA^{iv}), filhos de Trabalhadores Rurais e militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST^v) durante o período tempo Comunidade^{vi}, onde estes aplicaram os conhecimentos e realizaram atividades de estágio em escolas da região ou nos próprios assentamentos por meio da elaboração de projetos de ensino de caráter intervencionista.

Como o foco de nosso projeto de pesquisa^{vii} é a mística, dos 46 (quarenta e seis) relatórios escritos pelos alunos do referido curso, selecionamos os 3 (três) que utilizaram a mística enquanto recurso pedagógico no processo de desenvolvimento no campo do estágio em sala de aula. A mística desenvolvida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é uma prática que, até o presente momento pertence única e exclusivamente ao MST, enquanto elemento integrador, motivador, cultural, social e identitária, ou seja, que caracteriza este grupo social.

A metodologia utilizada foi o levantamento de dados acerca da mística com leitura e fichamentos, assim como houve uma análise sistemática dos relatórios escritos pelos alunos. A escolha pelo método fenomenológico descritivo nos permitiu descrições detalhadas das místicas praticadas pelos alunos durante o tempo aula. Para Moreira (2004) a fenomenologia apresenta [...] uma abordagem reflexiva, evidencial e descritiva tanto dos encontros como dos objetos encontrados. No entanto, no decorrer da pesquisa, uma fenomenologia hermenêutica foi necessária, pois para descrever a mística repleta de “[...] ação, conflitos, desejos, finitude, opressão e morte (apud, p.74)” foi necessário uma interpretação em que, ao final de cada ato, buscou-se a essência deste.

Mas, o que é a mística a que nos referimos? Tentaremos aqui explicitá-la para que o leitor possa ter uma compreensão desta. A mística encenada pelo Movimento dos

Trabalhadores Sem Terra (MST), é um ato político essencialmente representativo tal qual uma peça teatral, em que seu “roteiro” tem sua base em fatos marcantes que ocorreram no decorrer da luta pela construção de um “mundo” melhor, mais justo, mais cidadão, assim como recordar, e mesmo celebrar pessoas que fizeram e fazem diferença na construção deste, enfim, episódios marcantes que devem ser revistos, (res)sentidos, transmitidos e compartilhados. Nesta são utilizados elementos da natureza, a exemplo: a terra, a água, as flores, folhas, frutos, assim como objetos materiais que são importantes para a vida do homem do campo, tal qual a enxada, a foice, compartilham espaço com livros de pensadores variados, que complementam a formação política e a reflexão dos assentados em relação a seu contexto sócio-político, histórico, cultural e educacional. Outro elemento fundamental da mística é a bandeira do MST, que não falta em nenhuma das místicas observadas.

Nesse sentido, a mística abre a perspectiva de fortalecimento do movimento na medida em que os envolvidos elaboram-nas englobando diversos aspectos, como o econômico, o político, o social e o histórico, dando legitimidade à consagração de atos que anunciam a desigualdade social estabelecida entre os homens. Pois, “[...] há uma dignidade que nasce do engajamento político por causas universais como a defesa dos direitos humanos [...] contra a deteriorização das condições de vida, e outras causas que visam diretamente situações históricas” (BOFF, C.; BOFF, 1979, p.48). Assim, a

complexidade dos elementos que compõem a mística nos permite indicar ainda que ela, materializada nas ações do Movimento Sem Terra, acolhe os sujeitos que, ao ingressar no MST, passam a viver essa mística, (re) constituindo-se como homens e mulheres que refundam suas vidas. Essa refundação da vida implica o rompimento com uma vida anterior que, na maioria das vezes, procede do abandono social. Incluído nesse abandono a negação do acesso ao trabalho, à educação, à moradia, ao atendimento à saúde, ao alimento e à dignidade [...] (LUCINI, 2007, p.215).

Portanto, a formação do sujeito Sem Terra constrói-se no dia-a-dia das ações desencadeadas pelo Movimento com o objetivo de fortalecimento, enraizamento, pertencimento à organização social. Assim, a educação é uma das instâncias em que esse grupo busca defender o projeto de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, procurando por meio da luta, ou como afirma Lucini “[...], exige seu direito à definição do que e como deve ser ensinado” (2007, p. 216). Desse modo, a idéia dessa escolarização pode ser combinada com alguns fatores, conforme assinala DI PIERRO

a incorporação da temática da escolarização ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pode ser explicada pela combinação de três fatores. A condição social de sem terra articula-se a outras expressões de exclusão, dentre as quais a privação do direito à educação escolar básica. Uma parcela das famílias acampadas e assentadas tinham expectativas de escolarizar os filhos; os mecanismos coletivos do movimento serviram para generalizar essa demanda, que as estruturas de participação foram suficientemente permeáveis para acolher. Sensíveis às necessidades peculiares das crianças e adolescentes, as mulheres – mães, professoras e religiosas – tomaram a iniciativa de organizar atividades educativas nos acampamentos e assentamentos, experiências que constituíram a matriz do desenvolvimento posterior do Setor de Educação (DI PIERRO, 2000, p.76 In SOARES, 2006, p. 85).

Destarte, na ânsia de decifrar os enigmas presentes nesse contexto e na possibilidade de compreender os níveis de desigualdade social entre os indivíduos, a mística se apresenta como algo que traduz compreensões acerca dessa condição social. Nessa trajetória, a alegria, o silêncio e a concentração fazem parte da capacidade dos indivíduos de refletirem sobre o sentimento demonstrado (encenados ou dramatizados) por aqueles que lutaram e continuam lutando para dirimir a desigualdade social. Esse ato, para Mora, citando Bérghson, “[...] rompe ou ‘abre’ os quadros da sociedade fechada e, em geral, de toda imanência para seguir o impulso criador que conduz ao transcendente e que constitui o próprio ser” (2001, p. 197).

Inferimos a essa uma dimensão educativa, formativa, política, social, espiritual, cultural e histórica dentre outras que podem estar implícitas ou implicadas dentro da abrangência que a compõe. O ser humano dotado de uma enorme capacidade espiritual de transformar-se a partir de um processo de assimilação, compreensão e entendimento, transforma a mística em mola propulsora de ações, reflexões e conscientização que lhes permitem “alimentar a luta”, transformando-a em força, energia e movimento, para que assim lhes seja possível continuar no Movimento Sem Terra, lutando por justiça, equidade social, reforma agrária, trabalho justo, edificante e digno que lhes permite crescer enquanto homens e mulheres participantes de um Estado que luta por uma sociedade mais justa e democrática.

No entanto, a mística vai além destes fatos, ela transcende a razão, agindo como fios invisíveis que conectam o ser humano ao universo, ou como afirma Lucini (2006) atua no consciente e inconsciente dos sujeitos, tornando-os ciente das realidades diversas, adversas e contraditórias percebidas pelos nossos sentidos, modificando-os de tal forma que torna impossível não transformar-lhes a realidade, conscientizando-os e trazendo-lhes os sonhos cada vez mais perto pois,

imbuídos do sentimento adquirido por meio do desenvolvimento da mística os alunos buscam formas diferenciadas para sanar dificuldades, os fracassos e os desafios de cada disciplina durante os módulos, tendo em vista o alcance do sucesso, ou seja, ser aprovado na disciplina. A mística é uma estratégia peculiar para entender um conjunto de fatores (sociais, culturais, políticos e históricos) advindos da desigualdade social estabelecida entre os homens na contemporaneidade (CARVALHO, 2011, p.44).

Assim, uma das formas encontradas pelos alunos foi a utilização desta enquanto ferramenta pedagógica para tratar de temas diversos relacionados ao cotidiano dos alunos assentados, a exemplo do uso de agrotóxicos, da história dos assentamentos, da produção que ocorre nos assentamentos (alimentos), reforma agrária, dentre outros. Nesse momento, me vem a memória o livro Deleuze e a Educação de Silvio Gallo, em que encontrei a referência sobre o professor militante, considerado como aquele professor engajado em movimentos sociais e políticos, que procura trabalhar o presente do aluno, busca conhecer sua comunidade e suas necessidades, portanto, peço licença a Gallo e utilizo aqui um “[...] deslocamento” (2003, p. 64). Para utilizar o conceito de Deleuze e deslocá-lo para o campo pedagógico, uma vez que os professores militantes podem se inserir nessa luta

hoje não há mais profeta capaz de falar do deserto e de contar o que sabe de um povo porvir, por construir. Só há militantes, ou seja, pessoas capazes de viver até o limite a miséria do mundo, de identificar as novas formas de exploração e sofrimento, e de organizar, a partir dessas formas, processos de libertação, precisamente porque têm participação ativa em tudo isso (NEGRI in GALLO, 2003, p. 72).

Dessa maneira, podemos afirmar que os professores militantes que produziram seus relatórios das atividades desenvolvidas no campo do estágio, representam com certeza a classe daqueles que lutam para o processo de libertação de seus alunos, são professores que se preocupam em plantar a semente que desperta(rá) no aluno uma inquietação, um questionamento da realidade social em que este se encontra, abarcando uma dimensão pedagógica preciosa, como podemos perceber na transcrição de Santos (2011)^{viii} abaixo

a sala foi ornamentada com um círculo de terra e dentro dele um menino trabalhando e um outro colhendo a produção, assim fizemos um lago com água simbolizando o rio, próximo a agrovila. Do outro lado do círculo um menino bombeando o plantio da cana-de-açúcar com agrotóxico. Nesse mesmo cenário uma menina sentada movimentando a água. Entra uma criança e diz: não mate a natureza, ou outro diz: não jogue agrotóxico, preserve a natureza. Após isso, entram duas meninas com a bandeira do MST e ficamos todos em pé e cantamos o hino da bandeira.

nesse clima de alegria abriu o espaço para o momento de apresentação pessoal. A colhida foi uma grande roda a qual foi trabalhado a dinâmica da aranha. [...] o trabalho místico na sala de aula proporcionou às crianças vivenciarem um novo horizonte, um novo céu e uma nova terra, no qual um novo mar de estímulos ajudou o corpo discente a apreciarem a natureza, valoriza a cultura popular, a sentir o mundo em sua volta, se envolver com as causas sociais, caminhar juntos em busca da liberdade. A mística proporcionou a dinâmica a se tornar um instrumento minucioso, desencadeou nas crianças a arte, a troca de experiências, a se relacionarem umas com as outras, e sentir a brisa da manhã que fortalece, encoraja, estimula, ensina, cria e recria novas ações coletivas agrupadas aos trabalhadores rurais (SANTOS, 2011, p.15).

Aqui, podemos tanto refletir sobre a força que a mística tem no Movimento enquanto processo disseminador da cultura do Movimento, como escreve Vieira, “[...] entender a importância da mística no MST, para a formação política e a identidade Sem Terra” (2011, pg.13, quanto sobre sua importância enquanto dimensão pedagógica harmonizante, integradora e altamente identitária. Podemos também nos remeter a Gallo, quando este pergunta e responde

[...] o que seria o professor militante? Penso que seria aquele que procura viver situações e dentro dessas situações vividas procura produzir a possibilidade do novo”. O professor militante seria aquele que, vivendo como os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente. [...] essa é a chave da ação do militante. Sempre uma construção coletiva (GALLO, 2003, p.74)^{ix}.

Mais uma vez podemos inferir a força da mística enquanto processo pedagógico quando ao responderem um questionário aplicado durante a pesquisa, estes responderam que a mística os leva a refletir sobre suas práticas e lutas, é uma força que os impulsiona, que não os deixa desistir da caminhada, pois

a mística me leva a refletir sobre a minha prática, em especial o nosso trabalho e nossas lutas em melhoria social. (aluno X do Assentamento São José de Nazaré)^x.

possui um sentido de reflexão e valorização das lutas sociais, da pessoa humana, dos sentimentos do ser humano e da transformação da sociedade em busca da justiça e igualdade social (aluno Y do Assentamento Irmão Dorothy).

Tais pensamentos sobre a valorização da história do Movimento, a reflexão sobre as circunstâncias que causam as diferenças sócio-econômicas, a busca por uma transformação na sociedade, também foi foco do tema de estágio de Vieira^{xi}, onde esta trabalhou a mística enquanto processo de fortalecimento da identidade do homem, da mulher e das crianças que estudam no assentamento. Podemos dizer que a mística foi trabalhada enquanto conteúdo didático-pedagógico, onde foi trabalhado os conteúdos curriculares, por meio de textos próprios, como os significados da bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, do hino, a Mística do MST, segundo o qual Vieira registra que “[...] ao discutir o que é mística, seu significado, foi possível compreender, a formação que ela nos proporciona”, a história do assentamento dentre outros conteúdos contundentes, a autora escreve que “[...] no aspecto formativo, trabalhou-se a identidade Sem Terra, proporcionando aos alunos conhecimento da história dos Trabalhadores do MST como uma organização social que possui suas particularidades e identidade”(2011, p.23). Pois, a

grande maioria dos educandos que a escola atende são filhos de assentados que fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra trabalhou com conteúdos das áreas de conhecimentos das séries iniciais de forma interdisciplinar e contextualizada com a realidade do educando que parte da história do MST e da luta pela reforma agrária numa perspectiva crítica, para despertar a identidade Sem Terra, bem como uma consciência política em relação às contradições das classes sociais evidenciadas na história dos alunos, mas que não são propostos na grade curricular da escola (VIEIRA, 2011, p. 16).

Nesse sentido, podemos verificar como esses alunos/estagiários utilizam seus saberes, seus conhecimentos e vivências, contemplando seus alunos com aulas carregadas de significados e significações que lhes permitem conhecer, aprofundar, identificar-se com ações, atos, atitudes que fazem parte de seu cotidiano. A esse respeito Azevedo (2007), escreve que “[...] é na ação pedagógica que os estagiários, para desenvolverem suas atividades e funções pedagógicas para ensinar, mobilizam e socializam saberes” dentre os quais, durante a utilização da mística enquanto dimensão pedagógica, identificamos os saberes experienciais, explicado por Tardif (2002) apud Azevedo, como “[...] um tipo de saber sincrético formado por todos os demais e com uma natureza própria” (p.64). Completa que

os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são de um certo modo “exteriores” ao ofício de ensinar, pois provêm de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita ou situados fora do trabalho cotidiano (TARDIF, 2010. p. 64-65).

Outro aspecto interessante no relatório de Vieira é a colocação de que ao trabalhar o projeto Reforma Agrária, parte da nossa História, esta problematiza a realidade dos educandos da escola onde a mesma desenvolveu o estágio há vista que, segundo a mesma, “[...] a escola do campo não trabalha com temáticas significativas de vida e conteúdos de ensino que valorizem e respeitem os saberes das crianças do campo, incentivando-as desde cedo a analisar as contradições entre a classe dominada e dominante” (2011, p.9). Dessa forma,

a questão da reforma agrária foi trabalhada com outra visão política e não com aquela que as escolas do campo trabalham, através de livros didáticos que aborda esta questão descontextualizada com a realidade do educando do campo que vem colocando uma identidade dos sem terra que não condiz com a realidade do fato. Na verdade, a escola por incrível que pareça vem marginalizando a identidade dos educandos através de uma visão da classe dominante (VIERIA, 2011, p. 10).

Impregnada do fato de que a educação do campo deve se preocupar com as especificidades do homem do campo, Vieira escreve que ao pensar em uma educação voltada à atender às crianças que vivem do campo e no campo, deve levar em conta “[...] sua cultura, seus saberes, sua produção e sua vivência, ou seja, uma formação que proporcione ao sujeito do campo conhecer a sua condição de indivíduo na sociedade de forma crítica” (2011, p.11), descrevendo a utilização de seus saberes incluindo a utilização da mística para consolidar sua prática educativa pautada em “[...] em conhecimentos que tinha da vida e significado na formação das crianças” (op.cit). Nesse sentido Lucini escreve que

é na necessidade de uma identidade política dos sujeitos Sem Terra que há um apelo à história dos trabalhadores Sem Terra como elemento que celebra a singularidade e a solidariedade do grupo social, o que os situaria numa perspectiva existencialista, por fundar na história a sua identificação como os Trabalhadores Sem Terra (LUCINI, 2007, p.41).

De acordo com Vieira, a partir do desenvolvimento de uma estratégia pedagógica que buscou ampliar o conhecimento da trajetória do Trabalhador Sem Terra, focando principalmente no assentamento onde estava desenvolvendo o estágio, buscando alcançar o ponto em que esta criança assentada se perceba como integrante de uma comunidade que luta para se tornar um sujeito de direitos, se perceba como parte do Movimento, de forma que através da educação e da mística este “[...] obtenha a conquista não apenas da terra, mas na

forma como esses sujeitos se posicionam nas questões referentes à vida e nas questões de seu tempo” (2011, p.11). Completa que

isto foi consolidado na medida em que a escola trabalhou com particularidades desses sujeitos que são valores que estão implantados neles na forma de expressar os seus valores e modo de vida nas músicas do movimento, hino e até mesmo na mística que os fazem refletir e serem críticos diante da sociedade de classes. Assim, como afirma Nascimento e Martins (2008, p.19) “[...] por meio da mística, que possui em si mesma, [...] uma ação pedagógica que reivindica direitos de cidadania popular não burguesa, reivindica o direito de sonhar e ter utopias” in (VIEIRA, 2011, p. 12).

Nascimento^{xii}, do mesmo modo trabalhou a história do Assentamento, a Reforma Agrária e o Papel da mídia na disseminação de uma idéia equivocada do MST onde esta procura transmitir uma idéia produzida com uma finalidade específica de marginalizar o Movimento e consequentemente seus integrantes. Segundo a autora, conseguiu-se “[...] perceber a resistência de alguns deles que são filhos de Sem Terra se aceitarem como um Sem Terra, e que, muitas vezes, eles acham que existem outras pessoas que formam esse movimento e que eles não fazem parte desse processo” (2011, p.8). A mesma utilizou a mística como uma das formas de avaliação no último dia da aula de estágio, onde os alunos utilizaram a mística como uma reflexão do que foi apreendido, compreendido, refletido e assimilado durante os dias de trabalho. A esse respeito Soares escreve que “[...] os monitores professores são seduzidos pela mística quando compreendem a situação do nível de desigualdade, também em nível educacional, e buscam formas diferenciadas de apresentar os conteúdos para os assentados (2010, p. 82). Nessa articulação de saberes vinculados ao contexto social, Soares escreve que

a existência de diversos níveis de saberes que são partilhados na dimensão coletiva, na possibilidade de formar o indivíduo como ponte de passagem entre dois universos: educação e movimento. Sendo assim, o Movimento privilegia a formação-escolarização^{xiii} de monitores-professores num compromisso de engajamento à organização social – MST, numa visão ancorada de uma consciência formativo-educativo processual e experiencial, mediante atuação nas áreas de assentamentos (SOARES, 2010, p.82).

Assim sendo, concluímos nosso artigo considerando que a mística enquanto elemento pedagógico vem integrar as dimensões do processo formativo-educativo dos alunos do Curso de Pedagogia da Terra, auxiliando-os enquanto um importante elemento didático no decorrer das atividades pedagógicas, sendo como conteúdo didático, como introdução ao conteúdo que

será trabalhado, (o famoso Warm-up ou aquecimento para início das atividades) ou como uma das formas de avaliar o processo de construção, assimilação e transformação por parte do aluno.

Nesse sentido, percebemos o papel importante da mística enquanto processo formativo-educativo, uma vez que, nesses relatórios específicos utilizados no decorrer do artigo, esses alunos estagiários, apresentam como elemento diferenciador de outros relatórios produzidos, não somente um discurso pedagógico diferenciador, mas atos, atitudes e desempenho que demonstram uma consciência do papel social perante sua comunidade. Corroborando com esse dado, Soares (2010) escreve

essa dimensão integradora da mística vai se corporificando ao processo formativo-educativo como algo singular do MST, que, no nosso ponto de vista, se configura como vontade política; compromisso social; responsabilidade pelo papel que os indivíduos desempenham nas áreas de assentamentos, que se manifesta no indivíduo (monitor-professor) quando ele consegue compreender os níveis de desigualdade, quando faz mediação da utilização da mística na sala de aula, utilizando-a como uma estratégia pedagógica capaz de clarear o entendimento da sua função enquanto sujeito ativo do contexto social (SOARES, 2010, p. 83).

Diante da pluralidade de fatos e situações que a mística é empregada, os alunos estagiários conseguiram aplicar seus saberes desenvolvendo em seus alunos vontade de participar do processo educativo, orgulho de seus pais e um início de inquietação quanto aos termos que são empregados pela mídia quando se refere à eles, alunos que fazem parte de uma comunidade que lutou para conseguir estar assentada, e que por isso deveria ser louvados e não desmoralizados, pois tiveram a coragem de se mobilizar e ocupar um espaço; e quanto a nós que fazemos a pesquisa, conseguimos perceber esses saberes diversos do cotidiano que esses alunos estagiários aplicam, assim como perceber neles o desejo de se tornar excelentes em que fazem, e assim, podemos com certeza chamá-los de professores-militantes que lutam em prol de direitos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da Libertação** - O sentido teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOGO, Ademar. **O Vigor da Mística**. Caderno de cultura. N 02. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
- CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra**: o movimento social como princípio educativo. Estud. Av. São Paulo, v. 15, n. 43, Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142001000300016&lng=en&nrm=iso x Acessado em: 02 May 2011.
- CARVALHO, Andréa Freire. Relatório Técnico: **A Mística Enquanto Dimensão Na Formação Dos Alunos Do Curso De Licenciatura De Pedagogia “Da Terra” No Estado De Sergipe**. Agosto de 2010 a Janeiro de 2011. São Cristóvão. Sergipe.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2. Edição. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2008.
- LUCINI, Marizete. **Memória e História na Formação da Identidade Sem Terra no Assentamento Conquista na Fronteira**. 2007.230f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação Universidade Estadual de Campinas UNICAMP: Campinas, 2007.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método FENOMENOLÓGICO na Pesquisa**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2004.
- NASCIMENTO, Adriana Silva. Relatório Técnico: **Relatório da Prática de Estágio Desenvolvido no 4º e no 5º Ano do Ensino Fundamental**. Janeiro de 2011. São Cristóvão. Sergipe.
- PRONERA. **Manual De Operações**. Edição Revista e Atualizada. Brasília, abril de 2004. (Aprovado pela Portaria/INCRA/P/Nº 282, de 26 de abril de 2004).
- SANTOS, Maria Normélia Bispo. Relatório Técnico: **Projetando o Meio Ambiente**. Janeiro de 2011. São Cristóvão. Sergipe.
- SOARES, Maria José Nascimento Soares. **O Processo Formativo-Educativo dos Trabalhadores Rurais do MST/SE**: a prática pedagógica dos monitores-professores. 2006. 216f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2006.
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 11. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010.
- VIEIRA, Maria Leliana. Relatório Técnico: **A Reforma Agrária Parte De Nossa História**. Janeiro de 2011. São Cristóvão. Sergipe.

ⁱGraduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade (EDUCON), orientada pela profa. Dra. Maria José Nascimento Soares na Pesquisa Intitulada A Mística enquanto Dimensão na Formação dos Alunos do Curso de Licenciatura de “Pedagogia da Terra” no Estado de Sergipe e do Grupo SEMINALIS (Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea). Bolsista Voluntária FAPITEC E-mail: andreamvaz@msn.com

ⁱⁱ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Participa do projeto “ O Processo de Formação-Escolarização dos Alunos de Pedagogia: Uma reflexão do significado de aprender e concluir um curso” sob orientação da Professora Dra. Maria José Nascimento Soares. Bolsista Voluntária PICVOL/ CNPq. E-mail: milabgois@gmail.com

ⁱⁱⁱ Maria José Nascimento Soares é professora adjunta do Departamento de Educação (DED – UFS) e do Núcleo de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade (EDUCON) do NPGED/UFS. E-mail:marjonaso@ufs.br.

^{iv} PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

Programa social vinculado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA que possui o objetivo de desenvolver e consolidar uma educação que atenda as especificidades do homem do campo, possibilitando aos trabalhadores e trabalhadoras dos assentamentos a escolarização e formação necessárias ao desenvolvimento local. Desenvolve-se em articulação com universidades e movimentos sociais do campo.

^v O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná (CALDART, 2001.p.207).

^{vi} O Tempo Comunidade (TC) corresponde ao período em que alunos e alunas do curso são estimulados a aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do processo formativo em uma dada situação. Comumente desenvolve-se na comunidade ou assentamento de origem de cada um. Tal processo, associado ao Tempo Escola (TE), propicia o desenvolvimento do profissional em formação, haja vista que este é preparado, ainda durante o processo de formação e escolarização, a enfrentar situações reais no campo em que irá atuar. O TE caracteriza-se pelo período intensivo de aula, onde os alunos e alunas deverão permanecer em um Centro de Capacitação e ou espaço da Universidade Federal de Sergipe em que lhe são ministradas aulas de segunda a sábado, oito horas por dia.

^{vii} Pesquisa intitulada “A Mística enquanto dimensão na formação dos alunos do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de Sergipe” objetivou realizar uma análise desta enquanto processo formativo dos alunos do Curso de Licenciatura em Pedagogia para Beneficiários da Reforma Agrária do Nordeste – PROPED, sob a orientação da professora Doutora Maria José Nascimento Soares.

^{viii} SANTOS, 2011. Relatório Técnico. Ver Referência Bibliográfica.

^{ix} Por outro lado, podemos pensar no professor militante. Qual o sentido hoje desse professor militante, o que seria ele? Penso que seria não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria dos seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras (GALLO, 2004, p. 61). Para maior aprofundamento ler Deleuze & a Educação.

^x Os questionários referidos foram aplicados no decorrer da pesquisa “A Mística enquanto Dimensão na Formação dos Alunos do Curso de Pedagogia da Terra no Estado de Sergipe”, orientada pela prof. Dra. Maria José Nascimento Soares e os nomes dos alunos entrevistados foram modificados por X, Y, etc. objetivando salvaguardar a identidade destes.

^{xi} VIEIRA, 2011. Relatório Técnico. Verificar Referência Bibliográfica.

^{xii} NASCIMENTO, 2011. Relatório Técnico. Verificar Referência Bibliográfica.

^{xiii} Para um maior aprofundamento em relação aos termos utilizados formação-escolarização de monitores-professores, ler Processo Formativo-Educativo e a Prática Pedagógica no MST/SE de Maria José Nascimento Soares, 2010.